



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8718 - Trabalho Completo - 3ª Reunião Científica da ANPEd-Norte (2021)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

**NARRATIVAS IMAGÉTICAS DE CRIANÇAS MÊBÊNGÔKRE GOROTIRE:  
EDUCAÇÃO INDÍGENA E ESCOLAR NA ALDEIA**

Leni Barbosa Feitosa - UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Idemar Vizolli - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

**NARRATIVAS IMAGÉTICAS DE CRIANÇAS MÊBÊNGÔKRE GOROTIRE: EDUCAÇÃO INDÍGENA  
E ESCOLAR NA ALDEIA**

**Resumo:** Este texto é um recorte de um estudo mais amplo que objetiva deslindar as percepções de aprendizagens da educação indígena e escolar representadas por desenhos temáticos criados por crianças indígenas MÊbêngôkre em processo de escolarização na aldeia Gorotire, município de Cumaru do Norte-PA, à luz da análise de imagem. As crianças MÊbêngôkre em processo de escolarização interpretam e representam as aprendizagens da educação indígena e escolar de maneira bem distinta. Para elas, a educação indígena é significada pelo pertencimento ao território, integração com o meio ambiente, vida familiar e comunitária na aldeia, tradição cultural e realização de atividades desempenhada entre homens e mulheres, ao passo que na educação escolar as aprendizagens são reveladas no contexto educacional ocidental, com atividades coletivas desenvolvidas no mesmo espaço e tempo. Embora essas aprendizagens estejam presentes no mesmo território não se comunicam, uma vez que o traçado que compõe os desenhos criados sugerem que não há o entrelaçamento oriundo de cada processo educacional.

**Palavras-chave:** Crianças MÊbêngôkre. Crianças Kayapó. Aldeia Gorotire. Narrativas imagéticas. Desenhos. Educação indígena e escolar.

## Introdução

Concebendo-a como linguagem universal que expressa e comunica uma mensagem imagética, Richter (2004, p. 57) explica que as crianças possuem imaginação criativa e, por meio dela, se expressam e comunicam, reconstruindo situações vividas ou imaginadas, sentimentos e percepções acerca de um determinado assunto que as envolve. Nesse contexto, interpreta e representa o mundo à sua volta empregando diversos recursos comunicacionais, tais como falar, jogar, pintar e especialmente desenhar, “tornando-se capaz de criar significantes ao atribuir significados a determinadas palavras, linhas, cores, sons e gestos” (RICHTER, 2004).

Ao criar desenhos as crianças apresentam a sua organização de pensamento e desse modo, lhes confere atribuições e significados entrelaçados ao seu contexto de sentidos culturais. Barbosa e Cunha (2006, p. 53) mencionam que as imagens “produzidas no âmbito de uma cultura”, possibilitam o diálogo “com regras e os códigos dessa cultura”. Ao estabelecer comunicação com outras culturas, torna-se uma linguagem que permite compreender percepções de determinados contextos culturais. Os desenhos são utilizados com veemência na prática pedagógica de professores, indígenas e não indígenas, da escola Kanhõk, sobretudo em virtude da destreza que as crianças Měbêngôkre apresentam para traçar o seu pensamento representando situações que lhes são solicitadas.

Falantes do tronco linguístico Macro-Jê, da família Jê, os Měbêngôkre, mais conhecidos como Kayapó, são indígenas que habitam territórios ao sul do estado do Pará e ao norte do estado do Mato Grosso, no planalto do Brasil Central, em áreas de transição entre a floresta tropical e o cerrado, fazendo parte da Amazônia legal (LEA, 2012). De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os territórios são representados por uma população de oito mil indígenas Měbêngôkre (IBGE, 2010).

Os Gorotire habitam a Terra Indígena (TI) Kayapó, território regularizado, homologado, demarcado administrativamente e classificado como tradicionalmente ocupada<sup>[1]</sup>, por meio do Decreto Presidencial nº 316/1991, compreendendo uma área territorial de 3.284.004,9719 ha. A aldeia Gorotire foi constituída em 1937, quando o grupo indígena se fixou às margens do Rio Fresco, afluentes do Rio Xingu, onde permanecem até hoje (INGLEZ DE SOUZA, 2001). Segundo o levantamento populacional realizado pela Fundação Nacional de Saúde (FUNAI) em 2016, a aldeia possui uma população estimada em 980 Měbêngôkre Gorotire, sendo considerada a maior comunidade indígena, em número de habitantes, da TI Kayapó.

Localizada a 70 km do município de Cumaru do Norte-PA, a aldeia Gorotire atualmente conta com a oferta da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, respectivamente, na Creche Pritkôre e Escola Municipal de Ensino Fundamental Kanhõk, ambas localizadas no território Gorotire. A educação infantil e ensino fundamental são administrados pela “Secretaria Municipal de Educação, e o ensino médio pela Secretaria Estadual de Educação do Pará, em parceria com o município”, que se integram pedagogicamente na diligência de ofertar uma educação escolar que reflita os princípios que a norteiam em territórios indígenas, ou seja, uma escola bilingue, específica, diferenciada e intercultural (FEITOSA; VIZOLLI, p. 3, 2019).

Importante ressaltar que a pesquisa foi realizada com respeito aos procedimentos institucionais e éticos estabelecidos para a pesquisa científica em territórios e com

populações indígenas, obtendo o parecer de mérito da consultoria *ad hoc* do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) nº 01300.011629/2017-10, autorização para ingressar na terra indígena da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) nº 110/AAEP/PRE, parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) nº 2.292.354 e da Comissão Nacional de Ética e Pesquisa (CONEP) nº 2.451.312

### **Narrativas imagéticas: educação indígena e escolar na aldeia Gorotire**

Para deslindar as percepções de aprendizagens da educação indígena e escolar representadas por desenhos temáticos criados por crianças indígenas Mẽbêngôkre em processo de escolarização na aldeia Gorotire, município de Cumaru do Norte-PA, a análise de imagem foi substanciada em duas categorias: educação indígena e escolar.

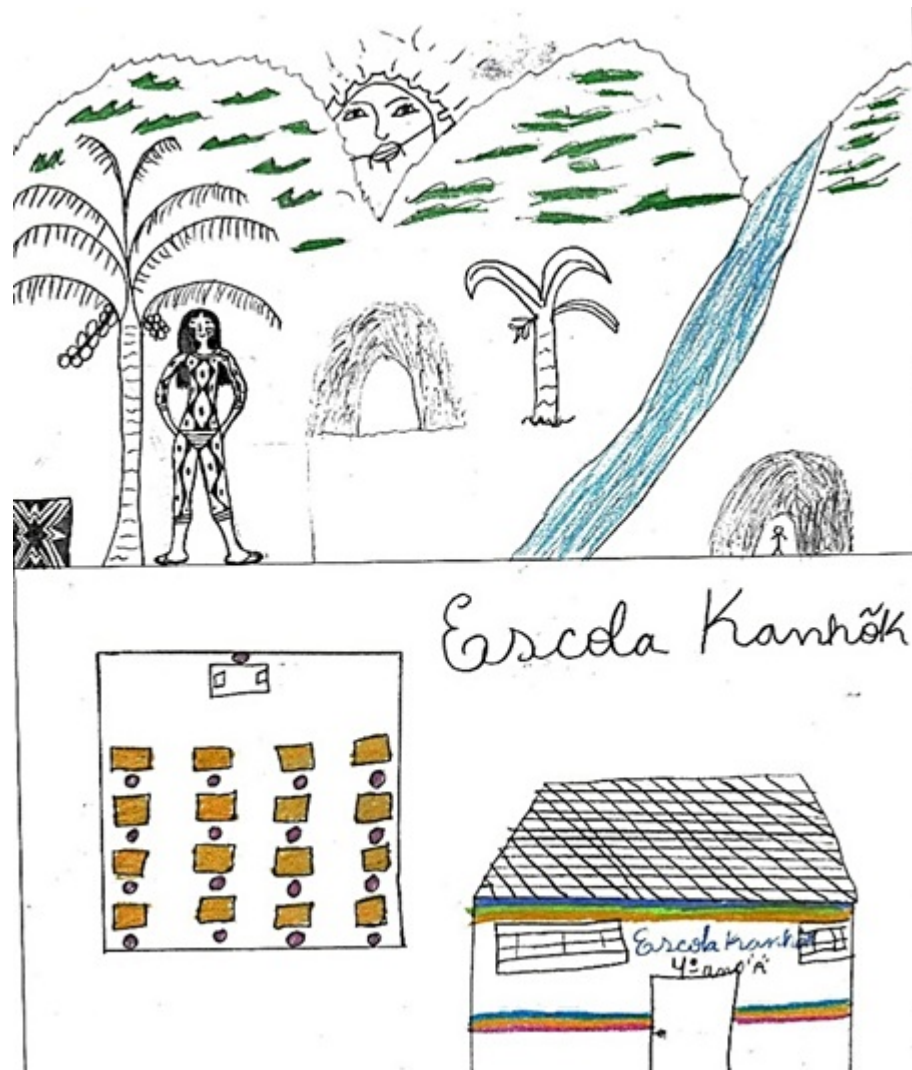
A categoria 1, educação indígena, é entendida como processo educacional que já sobrevinha nas comunidades indígenas, antes da oferta da instituição escola, em que o saber indígena é tido como uma ação pedagógica, praticada em todos os espaços que constituem o território indígena. O seu modo de ser, viver e interpretar o mundo é expressado, dessa forma, “durante toda a vida e em todos os aspectos”, sendo que cada grupo concebe “um modo próprio de educar seus membros” (MELIÀ, 1979, p. 1-6).

A categoria 2, educação escolar indígena, é entendida como ambiente institucional, operacionalizado por leis, decretos, normativas e diretrizes governamentais, e estruturada por um espaço físico, com delimitação em sala de aula, calendário, horário estabelecido, currículo escolar e recursos humanos específicos para o desempenho das atividades pedagógicas de ensino e aprendizagem (FEITOSA; VIZOLLI, 2017, p. 216).

As crianças Mẽbêngôkre foram orientadas a criarem dois desenhos, na mesma folha, que representassem as aprendizagens da educação indígena e escolar. Os desenhos foram produzidos em oficinas pedagógicas realizadas com as crianças Mẽbêngôkre do 4º ano do Ensino Fundamental, da EMEF. Kanhõk. A atividade pedagógica foi acompanhada pelo professor não indígena e monitor indígena da turma. Disponibilizamos folha de papel A4, lápis de cor e apontador às crianças para a criação dos desenhos.

No desenho Nhakpaingri Kayapó (figura 1) são tracejados a representação das aprendizagens que emanam da educação indígena: a pintura corporal simbolizando a identidade étnica, cestaria como artesanato e utensílio para transportar alimentos recolhidos no plantio e nas árvores frutíferas, a castanheira como uma das fontes de alimentação e sustento familiar, serras, vegetação e rio especificando a percepção do lugar onde vive, o sol com pintura feminina indicando haver uma mítica entrelaçada a cosmovisão do grupo e, a casa, indicando o seu lugar no território, assim como explicita uma pessoa na porta da casa que sempre lhe acompanha no seu dia a dia.

Figura 1: Desenho de Nhakpaingri Kayapó (4º Ano)



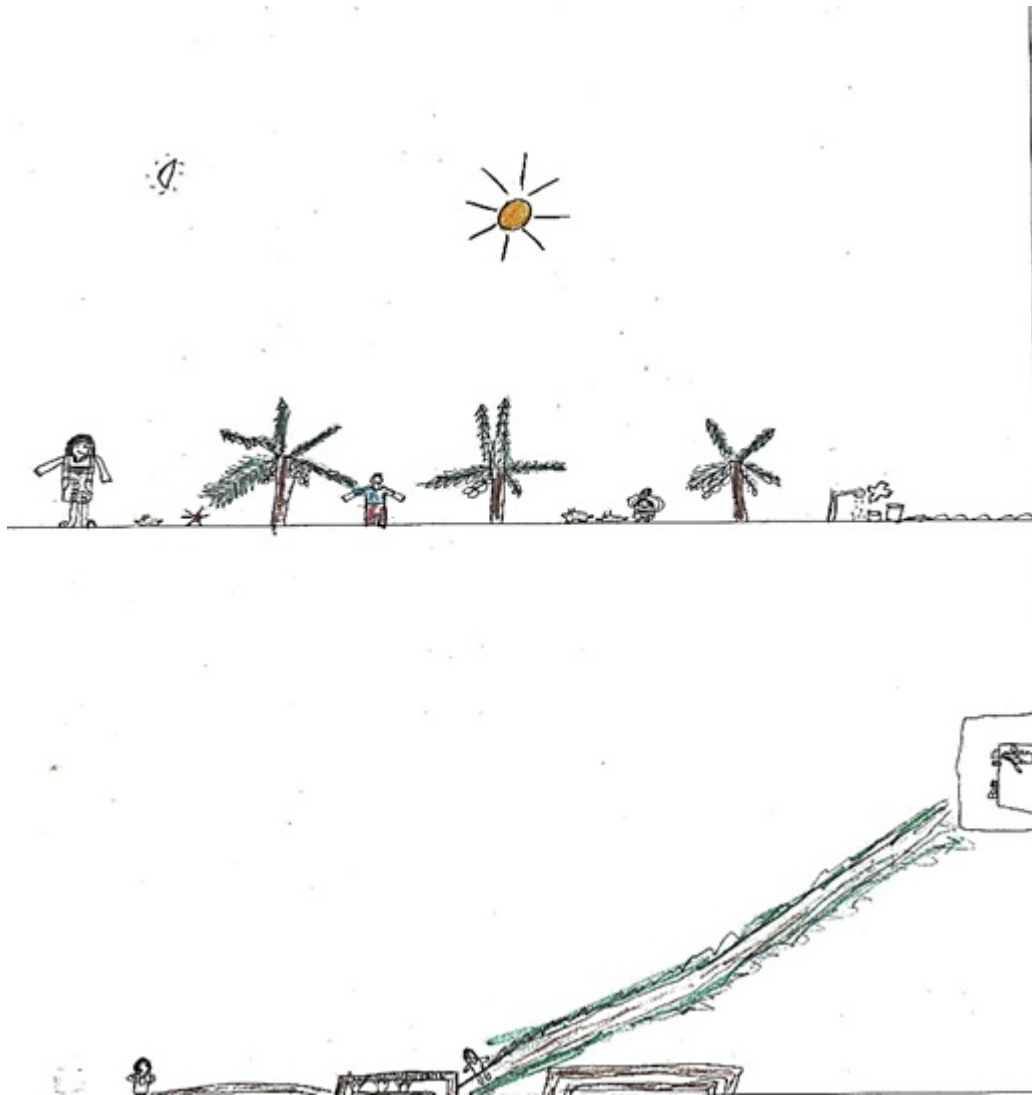
Fonte: acervo pessoal da primeira autora, 2017

A representatividade do desenho reverbera para aprendizagem de pertencimento ao território Měbêngôkre Gorotire. Fernandes (2009, p. 45) explica que a educação é praticada pelas sociedades humanas sob duas perspectivas que vise: “uma sociedade em mudança” ou “uma sociedade estável”. Nesse caso, pressupomos que a aprendizagem de pertencimento ao território Měbêngôkre Gorotire põe em prática o apreender de uma sociedade estável, ao apropriar seus membros para o seguimento da organização social, material e moral do grupo indígena.

A percepção da aprendizagem do ambiente escolar é caracterizada pela ilustração da escola, da sala de aula, assim como a organização espacial de estudantes e professor. Pela representatividade da narrativa imagética, a aprendizagem escolar acontece por meio da organização hierarquizada nos padrões ocidentais. Almeida (2014, p. 277), ao tratar das relações no cotidiano escolar explica que a disposição de estudantes em fileiras direcionadas ao professor determina hierarquia, ordem e disciplina.

O desenho de Kôkôkwynhti Kayapó (figura 2) ilustra o sol representando o tempo, as castanheiras como fonte de alimento e sustento familiar, a realização de atividades envolvendo sua família na colheita de castanha e caça de porcão do mato para representar as aprendizagens da educação indígena Měbêngôkre.

Figura 2 - Desenho de Kôkôkwynhti Kayapó (4º Ano)



Fonte: acervo pessoal da primeira autora, 2017

A imagem comunica a aprendizagem para a vida familiar e comunitária apreendida pela observação e o fazer das tarefas exercida por seus pais. Melià (1979) menciona que a aprendizagem das crianças é orientada pela oralidade, baseada no cotidiano da vida indígena e substanciada pelo valor do exemplo e da ação, respectivamente, aprender observando e aprender fazendo.

Cohn (2002, p. 141), explica que na educação Měbêngôkre há dois modos de ensinar algo a alguém: “*ba kum akre*”<sup>[2]</sup> ou *ba kum iaren*<sup>[3]</sup>. A aprendizagem infantil é apreendida pelos olhos e ouvidos. Ao ouvir, desenvolve a capacidade de aprender os ensinamentos da memória coletiva substanciada pelas narrativas orais da cosmovisão do grupo e, ao olhar, depreende as aprendizagens da cultura material.

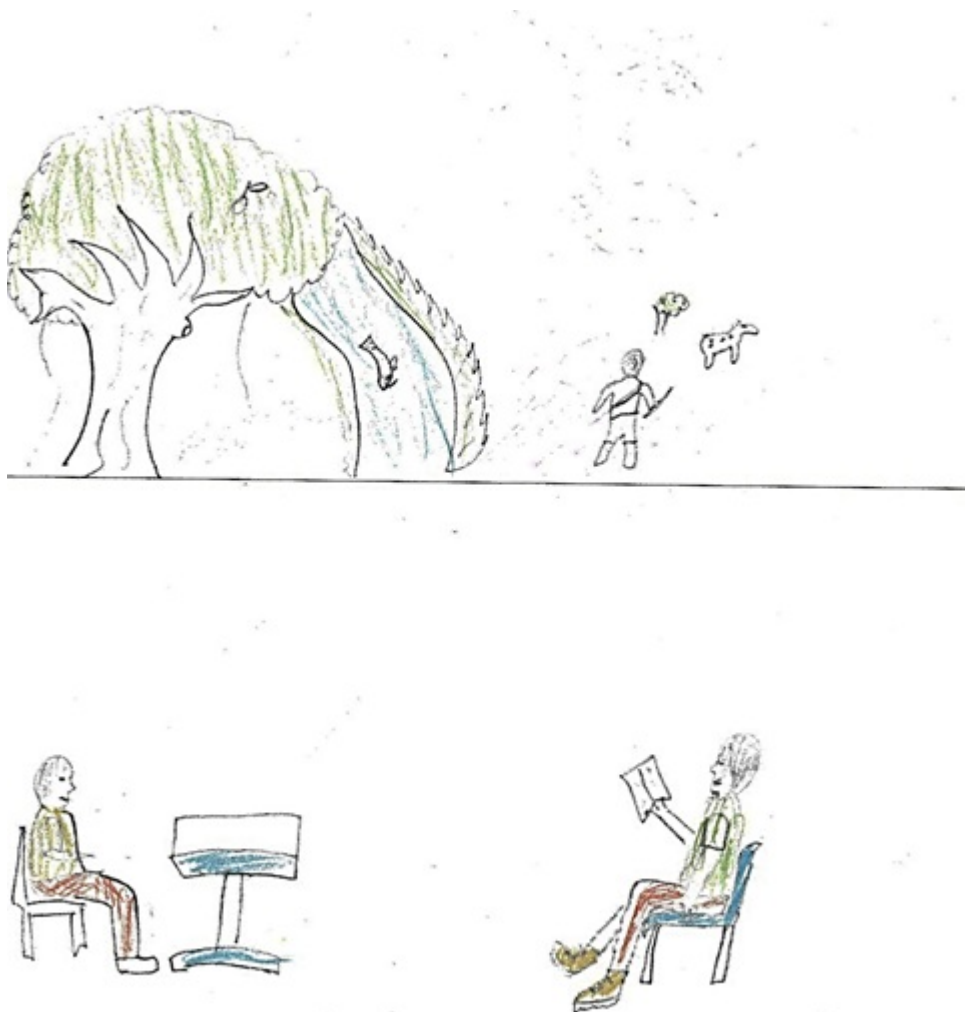
Ao tratar da aprendizagem no ambiente escolar Kôkôkwynhti Kayapó, representa a estrada indicando o seu deslocamento para a escola, tal como caracteriza a vegetação que compõe a paisagem do percurso. Somando a isso, traceja a sua mãe que segue observando diariamente o seu deslocamento, a professora localizada na porta da sala de aula e, ao que

tudo indica, realizando o acolhimento das crianças no ambiente escolar. A narrativa imagética infere a aprendizagem no contexto de processos educacionais operacionalizados na sociedade dos *Kubẽ* [4].

Melià (1979, p. 60), ao estabelecer os contrastes entre a educação indígena e escolar, indica que o deslocamento de sua casa até a escola é uma característica da educação ocidental. Na compreensão do autor, a rotina diária do deslocamento habitua a criança indígena a vincular no seu dia a dia que há um lugar exclusivo de aprendizagem, a escola, desvinculando-a com “o tempo anterior”, a educação indígena.

O traçado do desenho de BERPÁ KAYAPÓ (figura 3) representa ensinamentos aprendidos na educação indígena Mẽbêngôkre voltados para o modo de subsistência em seu território, especificado pela atividade masculina de caça e pesca, bem como a utilização de ferramentas para essa tarefa, como a borduna e a flecha. Depreende-se a representação da comunicação imagética a aprendizagem entrelaçada ao contexto indígena masculino em que se aprende fazendo.

**Figura 3: Desenho de BERPÁ KAYAPÓ (4º ano)**



Lea (2012, p. 143), menciona que a fabricação do artesanato da cultura material Měbêngôkre é uma tarefa masculina em que são feitos cocares, tiracolos para carregar os bebês, esteiras feitas de palmeira de buriti, cestos para transportar alimentos e lenhas. Acrescidas a essas atividades, elucida ainda a mesma autora, também lhes cabe a tarefa de “caçar e transportar os animais caçados por distâncias consideráveis, além de madeira para construir as casas”.

No ambiente escolar denota um estudante sentado na carteira e seu professor ensinando-lhe com o auxílio do livro, em que se entende-se ser um livro didático. A narrativa imagética expressa uma aprendizagem substanciada no método de ensino tradicional. Carneiro (2012, p. 2) explica que esse método “centra-se no ato de transferir conhecimento” em que o professor é vislumbrado como “portador de conhecimentos que devem ser repassados aos alunos, que, por sua vez, devem decorá-los para logo serem conferidos pelo professor”. A criança ao adentrar o ambiente escolar se depara com uma educação completamente diferenciada da sua primeira, a educação indígena Měbêngôkre.

Souza e Paiva (2013) mencionam que a educação escolar difere com veemência da educação indígena, sobretudo pela sistematização substanciada por novos instrumentos de ensino e aprendizagem que segue em harmonia com o currículo escolar. As autoras ainda agregam que essa educação assume o paradigma educacional tradicional, operacionalizada pela reprodução do saber estático, sobretudo da sociedade ocidental. Reprodução que determina os papéis que devem ser assumidos pelos agentes que a constitui, com bem explica Freire (1996), na educação bancária em que o conhecimento é emitido pelo professor e recebido pelo estudante, sem esperança que haja troca de incumbência, ou ainda, o diálogo entre os agentes que a constitui.

Os processos de ensino e aprendizado desenvolvidos no ambiente escolar indígena são operacionalizados pelo “uso de livro” e valorização da “memorização”, distanciando cada vez mais os processos educacionais que transitam nos territórios indígenas (MELIÀ, 1979, p. 60).

## Considerações

Os desenhos das crianças Měbêngôkre, em processo de escolarização, representam as aprendizagens da educação indígena e escolar de maneira bem distinta: a educação indígena é significada pelo pertencimento ao território, integração com o meio ambiente, vida familiar e comunitária na aldeia, tradição cultural e realização de atividades desempenhada entre homens e mulheres, ao passo que na educação escolar as aprendizagens são reveladas no contexto educacional ocidental, com atividades coletivas desenvolvidas no mesmo espaço e tempo.

A representatividade das narrativas imagéticas reverberam que na aldeia há dois locais de aprendizagem: um no convívio com a família alicerçada na educação indígena Měbêngôkre *Ba kum akre* e *Ba kum iarem* [5] e outra na vivência escolar sistematizada pelas leis dos *Kubě*, que embora estejam presentes no mesmo território não se comunicam, uma vez que o traçado que compõe os desenhos criados por elas sugerem que não há o

entrelaçamento oriundo de cada processo educacional.

## Referências

ALMEIDA, Wilson Ricardo Antoniassi. Relações de poder no cotidiano escolar: análise e reflexões da relação aluno-escola. **Revista Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 274-285, jul.- dez. 2014.

BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CARNEIRO, Roberta Pizzio. Reflexões acerca do processo ensino-aprendizagem na perspectiva freiriana e biocêntrica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 1-18, dez. 2012. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/145/86>. Acesso em: 28 de maio 2018.

COHN, Clarice. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. In: SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva. NUNES, Angela (Org.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, 2002.

FEITOSA, Leni Barbosa. VIZOLLI, Idemar. Escolarização indígena Mëbêngôkre Kayapó Gorotire. **Revista de Educação**, Rio Grande do Sul, v. 44, p. 1-25, mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/35043>. Acesso em: 13 set. 2019.

\_\_\_\_\_. O Dueto: educação indígena e educação escolar indígena. In: Encontro Internacional sobre Formação Docente para Educação Básica e Superior, 2. e Encontro inter-regional Norte, Nordeste e Centro Oeste sobre Formação Docente para Educação Básica e Superior, 7. **Anais....** Palmas: UFT, 2017. p. 315-331.

FERNANDES, Florestan. **A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

*FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Disponível em: <http://www.funai.org.br>. Acesso em: 03 jan. 2017.



INGLEZ DE SOUSA, Cássio Noronha. Aprendendo a viver junto: reflexões sobre a experiência escolar Kayapó –Gorotire. In: SILVA, Lopes da Silva. FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). **Antropologia, História e Educação**: a questão indígena e a escola. 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2010. **Censo Demográfico**: resultados preliminares. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 08 dez. 2016.

LEA, Vanessa. **Riquezas intangíveis de pessoas partíveis** : os Mëbêngôkre (Kayapó) do Brasil Central. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2012.

MELIÀ. Bartolomeu. **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola, 1979.

RICHTER, Sandra. **Criança e pintura**: ação e paixão do conhecer. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SOUZA, Elisabeth Cristina Siel. PAIVA, Ignês Tereza Peixoto de. O processo de ensino/aprendizagem da criança indígena nos anos iniciais do ensino fundamental em escola urbana de Parintins. In: Congresso Nacional de Educação – Educare, 11. **Anais....** Curitiba: Pontífica Universidade Católica do Paraná, 2013.

---

[1] São as terras indígenas de que trata o art. 231 da Constituição Federal de 1988, direito originário dos povos indígenas ([www.funai.org.br](http://www.funai.org.br)).

[2] eu mostrei a ele/a.

[3] eu contei a ele/a.

[4] Como os Mëbêngôkre se referem aos não indígenas.

[5] Eu mostrei a ele/ela e Eu contei a ele/ela.